

INEZ CABRAL

# O que vem ao caso

ALFAGUARA



Copyright © 2018 by Inez Cabral

“Another Brick in the Wall”, Pink Floyd-Roger Waters Copyright © Warner/Chappell Music, Inc

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Didiana Prata

*Ilustração de capa*

Marcelo Cipsis

*Preparação*

Fernanda Villa Nova

*Revisão*

Renata Lopes Del Nero

Isabel Cury

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Cabral, Inez

O que vem ao caso / Inez Cabral. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

ISBN: 978-85-5652-061-6

1. Ficção brasileira I. Título.

---

18-12517

CDD-869.3

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](https://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

*Hey! Teachers! Leave them kids alone*  
“Another Brick in the Wall”, Pink Floyd

Nasce à uma e meia da madrugada do dia 24 de abril de 1948 em Barcelona. É o que está escrito na certidão. O que sabe de si é o que ouviu falar, as fotos antigas e os filminhos 8mm que a mãe adorava fazer. Ouvia dizer que morria de ciúme do irmãozinho caçula, até que Adela, a cozinheira e mais tarde babá, advertiu:

— A menina não pode fazer isso. Cada vez que seu irmãozinho chorar, a menina vai ganhar *un culo nuevo* [umas palmadas].

Era portuguesa, mas foi contratada na Espanha, onde morava havia alguns anos. Quando se zangava, misturava português e espanhol. Adela nunca bateu nela nem nos irmãos, mas a bronca surtiu efeito. A partir desse momento, cada vez que ele chorava, se estivesse longe, vinha correndo para fazê-lo se calar.

Mais tarde, pensando, acredita que o que sentia não era ciúme.

Acha isso porque nunca gostou de boneca e, quando ganhava uma (sempre), a primeira coisa que fazia era quebrá-la para ver como funcionavam os olhos que abrem e fecham. Talvez tenha tentado fazer a mesma coisa com o irmão. Ainda bem que não lembra. Das bonecas que teve, só uma se salvou, ou melhor, um, o Paquito. Era de borracha, impossível de quebrar. A cabeça, os braços e as pernas eram de encaixe, e os olhos pintados não fechavam. Quando finalmente entenderam que detestava bonecas, sua irmãzinha adotou seu último boneco, depois que ela furou os olhos dele (e ficou de castigo). Sua irmã o achava lindo e o chamava de “meu guinho”.

Nunca teve brinquedos de meninos. Infelizmente, naquela época era impensável dar a uma menina um Mecano ou uma pistola d’água. Azar o dela.

## 2

Reencontra a primeira infância nas palavras do pai, que, anos depois, olhando para uma foto da neta, escreve num poema:

*... Reviajo à mesma pessoa  
que nasceu pra dizer Não,  
que embora tenha vivido,  
pra ser desafirmação...*

Identifica-se totalmente. Seu Não é apenas uma não aceitação de verdades impostas em que não acredita.

O que sabe de seu talento para a dança também ouviu do pai:

— Com três anos, em Londres, foi fazer balé. Houve uma apresentação. No palco, cheio de meninas brancas e loiras de tutu cor-de-rosa, apareceu ela, moreninha, num tutu vermelho. Em vez de dançar a sua parte, passou a dança toda corrigindo as colegas e provocando risadas do público. Só se via ela. Esta minha filha nunca vai ser bailarina, mas que sabe aparecer, não há dúvida.

Pois é. Segundo ele, nasceu para dar trabalho. Mas ela discorda, prefere concordar com Millôr Fernandes, que diz, “Livre pensar é só pensar”.

Exigem que siga convenções sem jamais discutir a respeito. Não tem culpa de discordar e preferir usar a cabeça.

### 3

Quando vão para o Recife por causa da perseguição política contra seu pai, que não vem ao caso agora, dividem seu tempo entre o Recife e Carpina, onde fica o sítio de seu avô.

Ela tem quatro anos. Olha para os dedos, esconde o polegar. Mãe ensinou: um, dois, três, quatro. O carro segue na estrada. Ao seu lado, no banco de trás, seu irmãozinho caçula. Na outra janela, o mais velho, que já tem cinco. Uma mão inteirinha! Na frente, a mamãe e o papai. Quem dirige é a mamãe, o papai sempre fala que não gosta de dirigir. Quando ela crescer, vai gostar. Estão quase chegando no sítio. De repente, seu irmão e ela dizem ao mesmo tempo:

— Quando eu chegar, quero montar no Rei Jorge. (Rei Jorge é o pangaré velho do sítio.)

Para evitar briga, papai se vira para eles e diz:

— Um de cada vez, não é?

Não adianta, o bate-boca começa:

— Primeiro eu!

— Não, eu primeiro!

Aí a discussão para. Olha para o irmão e, pela primeira vez, se dá conta de que ela é “eu”, e ele também é “eu”. Um eu diferente. E na estrada entre o Recife e Carpina, num simples estalo, chega ao que chamam idade da razão.

Está em Carpina, no sítio de vô Luiz. Deve ter uns quatro ou cinco anos. Decide que quando crescer vai ter duas profissões: fazendeira e pintora. Um dia, um tio lhe pergunta:

— Você vai ser fazendeira como? Onde vai arrumar dinheiro para comprar uma fazenda?

— Isso é fácil, vou casar com um fazendeiro.

— Você quer ser fazendeira por quê?

— Pra andar a cavalo, tocar berrante e juntar gado.

— Mas se for fazendeira, não vai fazer nada disso, vai ter que ficar em casa, fazer comida para seu marido e tomar conta da casa dele.

Sente pela primeira vez o tédio que é ser mulher e desiste não apenas de ser fazendeira, mas de casar. Resolve ser só pintora.

Em Barcelona, se matricula na escola de belas-artes. Ao entregar um trabalho de fim de trimestre, feito em meia hora quando descobriu que valia nota, ouve o seguinte comentário do professor:

— Você é minha aluna mais talentosa, o que te perde é que você tem imaginação demais.

Aos dezoito anos, não consegue entender esse comentário, falta maturidade. Imaginação é a qualidade que mais preza em si mesma, ou a única que reconhece. Nessa hora, se lembra do conselho que o pai lhe deu quando ela se matriculou na escola:

— Minha filha, com a sua idade eu também desenhava. Por isso, hoje eu escrevo. Você não devia escolher o caminho mais fácil. O caminho mais difícil vai te levar mais longe.

Hoje ela tem certeza de que ele tinha razão.

Nunca mais viu o avô paterno, seu favorito junto com a avó materna. Lembra que, na primeira infância, quando os pais foram morar na casa dos avós no Recife, ele trazia um pacote de balas ao chegar à noite, entregava para ela e dizia:

— Divida com seus primos.

Ela dava uma bala para cada um dos primos e para os dois irmãos e ficava com o resto. A mãe tentava brigar, dizia que não pode ser egoísta, o vovô retrucava:

— Deixe disso, eu trouxe para ela.

A mãe não gostava muito, mas tinha que acatar o sogro, que sempre dizia:

— Avô é feito pra deseducar.

O pai dela, por sinal, seguia a mesma filosofia. Cansou de ouvi-lo repetir isso ao fazer alguma bobagem com os netos, enquanto ela se esforçava para educá-los.

Na sua infância, pelo menos no Recife, tinha que pedir a Bênção dos avós, que estendiam a mão para ser beijada. Sabe disso por ouvir falar, não se lembra. Anos depois, já adulta, foi ao Recife com o pai visitar o avô querido.

Ao chegar, ele lhe estendeu a mão, esperando que a beijasse. Ela desviou e beijou sua bochecha, dizendo:

— Desculpa, vô, não beijo nem mão de bispo.

Ficou esperando a bronca, mas tudo o que aconteceu foi uma enorme gargalhada do avô, que lhe respondeu:

— Essa é a minha neta!

Ainda o viu mais uma vez, já bem velhinho. Revendo fotos de família, ele lhe mostrou uma foto da mãe dela:

— Olha só você, quando era noiva do Jó.



Continuou procurando entre as fotos e lhe mostrou uma foto dela, ainda bebê:

— E olha sua filha.

Ficou desnorteadada, mas depois de pensar um pouco, decidiu que o que ele queria dizer é que ela é a cara da mãe e que sua filha era igual a ela nessa época. Não conseguia nem pensar, e muito menos aceitar, seu vô querido perdendo a memória e a razão.

## 6

Ela adora o sítio, onde se sente mais solta do que na cidade. Adora também o cheiro de terra e curral. Acha o leite recém-tirado uma delícia. Lá não tem luz elétrica, a casa é iluminada com lampiões, nunca tinha visto isso. Acha lindo. Quando ouve as pessoas contando casos de Lampião, não consegue imaginar como é que um lampião pode ser tão perigoso. Mas deixa pra lá, deve ser coisa de gente grande.

Quando a noite cai, os adultos fecham as portas e as janelas da casa. Parece que é por causa dos bichos. Andam pela casa à espreita, olham dentro de armários, debaixo das camas, dentro dos sapatos, em qualquer lugar onde possa se esconder uma cobra.

Alguns dias antes a avó criticou a mamãe, porque os três filhos (com um ano de diferença de um para o outro) tomam banho juntos. Ela resolve acatar o parecer da sogra, talvez para evitar discussões inúteis. A partir desse dia se sente excluída enquanto ouve através da porta do banheiro as risadas dos irmãos. O banho dela é depois do deles. Sem risadas, sem brincadeiras. A vovó disse que ela já é uma mocinha de cinco anos, não pode mais ficar pelada na frente dos irmãos.

Um dia, à noitinha, está debaixo do chuveiro, já no final do banho sob a supervisão de Adela, que segura a toalha, quando sente uma coisa fria encostando no pé. Olha para baixo e vê, ao lado de seu pezinho, um colar lindo, vermelho, preto e branco. Ela o segura e diz para a babá:

— Olha que lindo! Subiu pelo ralo. Quero para mim.

Adela fica sem ação durante uns segundos e começa a gritar para alertar os tios, que abrem a porta e, depois de muito rebuliço, ela ainda sem entender o porquê de tanta história por causa de um bicho tão bonitinho, solta finalmente a cobra-coral dentro do box do chuveiro. Adela se benze, a enrola na toalha e a leva para o quarto

enquanto ela chora porque vão matar sua linda cobrinha. Está furiosa, seus tios são maus. Fica emburrada um bom tempo, até que o vovô a chama para o jantar.

De volta ao Rio de Janeiro, se prepara para a primeira comunhão. Tem seis anos. A madre explica que a hóstia consagrada vira a carne de Jesus. Distribui uma ainda não consagrada para cada um, eles provam. Não tem gosto de nada.

Ela matuta no seu canto: “Será que vou gostar da consagrada? Carne eu só gosto moída... com purê de batatas. Nunca comi carne de gente, será que é bom?”.

— De que tamanho era Jesus? — pergunta para a madre.

— De tamanho normal, por quê?

— Será que dá pra todo mundo?

— Que blasfêmia, menina! Deus vê tudo o que você faz e até o que você pensa. Tome muito cuidado para não ir para o inferno.

— Se eu for para o inferno, fico lá até quando?

— Fica lá por toda a eternidade.

— E se eu for boazinha, na próxima eternidade posso ser Deus?

— Se continuar a perguntar bobagem, não te deixo comungar.

Indignada com a injustiça divina, com os olhos rasos d’água, grita:

— Não quero comungar, Deus é mau!

No dia da primeira comunhão, acordou com sarampo.

Acha que está livre, mas que nada. Assim que fica boa, a mamãe marca outro dia. Como não adianta reclamar, começa a buscar o lado bom (síndrome de Pollyanna, que ainda não leu). Vai ser legal, porque o vestido é lindo, de princesa, e porque vai fazer primeira comunhão sozinha. Está se sentindo especial. Mas eis que, na véspera, a mamãe decide que ela vai ficar com vergonha e se sentir muito solitária, apesar de ela negar com veemência, e resolve que seus irmãos também vão vestidos de primeira comunhão, para acompanhá-la. Falta de noção perde! Além de, por causa do sarampo, ter perdido a festa deles, que era para ter sido dela também (ficou isolada no quarto enquanto ouvia as risadas lá embaixo), é obrigada a dividir as atenções nesse dia “tão importante”, segundo a mamãe, e como se fosse pouco, não ganha nem uma festinha. Talvez venha daí seu trauma com religião. Se for por causa disso, obrigada, destino.

Ela tem uns sete anos. É sua primeira saída depois de uma catapora para ir à missa de domingo na igreja da Imaculada Conceição, na praia de Botafogo. Lá pelas tantas, talvez um pouco antes da consagração (para quem não conhece o ritual, logo antes de o padre levantar aquela hóstia enorme e o coroinha tocar aquele sininho), entra pela porta da igreja uma mendiga que grita e chora, dizendo que o filho está morto. Impávido, o padre continua seu ritual. Dois paroquianos (na certa os dois maiores) se aproximam da mulher, cada um a pega por um braço e a expulsam da igreja. A missa continua. Ela fica em choque. Tenta falar com a mãe, que a faz calar, não se fala durante a missa. Não entende os adultos. No catecismo ensinaram que Jesus disse: “Bem-aventurados os humildes, pois eles herdarão a terra”. Ela pensa: Mas não ousem entrar na igreja na hora da missa.

Ainda leva um sermão da mãe porque recusa a comunhão.

Ela tem oito anos quando o pai é transferido para a Sevilha de Franco.

Em vez de colégios americanos, como a maioria dos filhos de diplomatas, sua mãe os manda sempre para escolas locais, para que mergulhem na cultura do país.

Ao chegar a Sevilha é matriculada como semi-interna num colégio de freiras.

O horário escolar é das sete da manhã às sete da noite. É proibido levar os livros para casa, tem que estudar no colégio. Disciplina férrea. Só pode ir ao banheiro na hora do recreio, e tem que pedir licença. Ela acha esquisito, ainda bem que nunca precisou ir na hora errada. Um dia, durante uma aula, uma aluna pede para sair. Claro que recebe uma negativa firme. Coitada da menina. Tenta explicar, a freira manda que cale a boca. Depois de alguns séculos de aula idiota, finalmente o sino toca e todas se levantam e ficam ao lado das carteiras, esperando a oração de fim de aula. Depois do recreio, ao voltar para a sala, a freira espera na porta e diz:

— Continuem na fila, quero descobrir uma coisa.

E passa de aluna em aluna botando a mão debaixo da saia e apalpando a calcinha até encontrar quem tinha feito xixi nas calças. Claro que foi a menina que pediu para sair. Hoje ela acha que a freira sabia, ou pelo menos devia supor, mas fez questão de apalpar todas. Pela única vez na vida, ela agradece aos deuses por ser uma das mais baixinhas da turma, ficando, portanto, no final da fila. Não precisou passar por isso. Chegando em casa, chocada, conta para a mãe, que simplesmente não acredita e briga com ela por inventar mentiras.

É dia do Sagrado Coração de Jesus. Depois do recreio da tarde, as crianças fazem fila no corredor e *ma Mère* (tem que chamar as freiras velhas assim) manda todas fazerem exame de consciência. De uma em uma, vão entrando numa salinha em que ela nunca tinha reparado, perto da capela. Ficam um tempo lá dentro e saem. Na porta está *ma Mère* ao lado de uma mesinha com duas cumbucas: uma cheia de alfinetes pequenos de cabeça azul e a outra cheia de alfinetes bem grandes de cabeça vermelha. Quando chega a vez dela, *ma Mère* pergunta:

— Fez seu exame de consciência?

— Fiz sim, *ma Mère*.

— Então pegue um alfinete azul para cada pecado venial e um vermelho para cada pecado mortal.

Ela pega alguns alfinetes azuis, porque depois do exame de consciência viu que não tinha pecados mortais. Nunca mordeu a hóstia, nem deixou de ir à missa aos domingos.

Entra na salinha. A porta é fechada atrás dela. Está escuro, apenas velas, cheiro de lírios e uma estátua de Nosso Senhor, maior que ela, com um coração igual à almofadinha de alfinetes da vovó. Enquanto sente no seu rosto o olhar de Jesus, tenta enfiar em seu coração, um por um, os alfinetes. Não consegue, fica com medo e, aos prantos, sai da salinha com os alfinetes na mão.

*Ma Mère*, severa, olha para ela, manda pegar mais um alfinete dos vermelhos por conta do desrespeito e voltar lá para dentro para aprender o que Nosso Senhor sente quando ela peca. Mais uma vez, vem à sua cabeça: “Deus é mau”. Aproxima-se da estátua e, sem olhar para mais nada, enfia de um em um os alfinetes na almofada. Está com tanta raiva que o que enfia com mais prazer é o alfinetão vermelho. Nesse dia, aprende o que é ser “devota” e sai, fazendo como as outras, o sinal da cruz.



A família passa o verão num chalezinho, numa praia esquecida pelos deuses entre Málaga e Cádiz, Estepona. Estamos na Espanha, onde foi inventado o conceito de *siesta* por conta do clima desértico. Cinquenta graus à sombra no verão, entre meio-dia e cinco da tarde. Anoitece entre nove e dez horas nessa época. As brincadeiras de pirata, polícia e ladrão, pinotear pelas pedras, descobrir esconderijos e nadar na praia se interrompem depois do almoço. Como a casa é minúscula, o quarto dos irmãos tem uma entrada independente, do lado de fora. Ela morre de inveja, mas, em vez de ficar reclamando da injustiça divina, passa a *siesta* no quarto deles, sentindo-se livre e independente.

Pois bem, numa dessas *siestas*, enquanto jogam baralho com a porta aberta por conta do calor, aparece um cara meio nervoso e, agitado, lhes pede para guardar um embrulho. Mais tarde virá buscar, promete. Diz que é irmão da moça que trabalha na casa deles e que é de Estepona. Eles aceitam e o cara lhes passa um embrulho pequeno, feito em papel pardo, que eles escondem.

Talvez pelo fato de ser rosa-cruz (ninguém na Espanha de Franco pode saber disso, alerta ela sempre), a babá Adela tem um certo talento para ler pensamentos. Ou talvez estivesse simplesmente olhando pela janela. O fato é que chega ao quarto dos meninos e pergunta:

— Quem era aquele homem?

Com a maior das inocências, eles respondem. Adela quase tem um troço.

— Ai, meninos, que perigo! *No se puede aceptar* essas coisas, *ustedes* nem conhecem esse homem!

— Por que não? Ele disse que é irmão da Fulana.

Cheia de decisão, Adela exige que lhe entreguem o pacote e, no dia seguinte, vai reclamar com a moça. Esta confessa que o irmão é